

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

MYRIAN SANTIAGO DA SILVA

**O QUE PODE UMA ESCRITA?
A PRODUÇÃO ACADÊMICA HOJE**

VITÓRIA

2014

MYRIAN SANTIAGO DA SILVA

O QUE PODE UMA ESCRITA?
A PRODUÇÃO ACADÊMICA HOJE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

VITÓRIA

2014

*Aos docentes da UFES e aos que, assim como eu, batalham no hoje para
oxalá professorarem nesta universidade amanhã.*

Porque eu preciso agradecer...

Não só porque seja algo do protocolo da escrita de uma dissertação, mas principalmente porque nesse momento eu preciso dizer obrigada:

À Deus. Sim eu acredito Nele e isto faz diferença na minha existência.

Aos meus pais e irmão que me ensinaram concretamente que a vida não para enquanto se cursa um mestrado e que é necessário o exercício de se reinventar a cada dia para dar conta dessa empreitada chamada dissertação.

Aos meus amigos... Como nomeá-los? Os da Igreja, da pracinha, da psicologia, de BH, do Rio, de Palmas, de Maringá, de tantos cantos, que insistem em confiar em mim e me cobrem de tanto carinho.

À UFES e ao PPGPSI que me proporcionaram este possível denominado mestrado.

À Ana Paula Figueiredo Louzada. Quanto cuidado e paciência...

Ao Patrick, Pri e Bel pela alegria da curta convivência em tempos tão difíceis.

À Lívia por tamanha generosidade e companheirismo. Você me ensinou muito!

À Beth Barros pela energia e força desde a qualificação.

À Luciana Caliman pela clareza, proposição e confiança.

À Bete que atenta ao meu cansaço da sopa de letrinhas (Foucault, Deleuze, Guattari) me levava pro mundo dos books, passeios e maquiagem.

À Capes, pela viabilização financeira dessa dissertação.

E aos professores pesquisadores da UFES que participaram desta pesquisa e escreveram comigo este trabalho.

Não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário - mas amá-lo.

Friedrich Nietzsche

Gostaria que, assim como a pintura, a música e o teatro, as teorias e os saberes históricos ultrapassassem as formas tradicionais e que elas se impregnassem profundamente na vida cotidiana.

Michel Foucault

RESUMO

A presente pesquisa traz modos contemporâneos de escrita acadêmica produzidos por professores nos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tendo como objetivo específico analisar como os docentes atuantes nestes programas estão escrevendo suas pesquisas em artigos que visam ser submetidos às revistas consideradas científicas reconhecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e seguindo a aposta sinalizada por Deleuze de que escrever é também traçar linhas de fuga, interessou-nos perceber escritas que se fazem fugir de modos já configurados na atualidade bem como sua interface com o trabalhador docente universitário. Buscamos assim questionar como professores pesquisadores de programas de pós-graduação da UFES estão escrevendo suas pesquisas, que linhas costuram essa(s) escrita(s), como esses modos de escrita vêm se constituindo nestes programas e se escritas outras podem ser criadas. Afirmamos a existência de escritas do presente, verdadeira, arma e nômade como escritas que para além da universidade produzem transformação na vida. Para a consistência deste trabalho, além de Deleuze, recorreremos à Guattari, Foucault, Chauí e Deise Mancebo como ferramenta teórico-metodológica. Contrapondo um modo tradicional de metodologia fizemos intervir outros princípios de método. Arriscamos como o principal deles o trabalho de Michel Foucault que a partir de uma ontologia do presente propõe dizer a atualidade. Assim para além de uma metodologia propomos uma atitude, onde exercitamos elaborar questões a cerca das escritas acadêmicas produzidas nos programas de pós-graduação da UFES que se colocam no e sobre o presente.

Palavras-chaves: Programas de pós-graduação da UFES. Escrita científica. Escrita do presente. Escrita verdadeira. Escrita arma. Escrita nômade.

ABSTRACT

This research brings contemporary ways of academic writing from Universidade Federal do Espírito Santo's (UFES) professors in post-graduation studies, in order to analyse how these program's professors are writing their researches' articles for what are considered scientific journals recognized by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Following Deleuze's position that writing is also to draw flight lines, our interest is to capture writings that makes today's configured ways flee as long as its interface with the faculty worker. Therefore, we search to question how professors that are also researchers in post-graduation studies of UFES are writing their researches, which lines sew this (these) writing(s), how these ways are created. We affirm the existence of truly present's writing, weapon and nomadic as writings that, beyond university's walls, can produce changing in life. For this work's consistence, in addition to Deleuze, we used Guattari, Foucault, Chauíand DeiseMancebo as theoretical and methodological tool. Going upstream a traditional form of methodology, we created another principles of method. We risked using as mainly principle the diagnostic work of Michel Foucault that proposes to tell the actuality from the present's ontology. As a result we propose, beyond methodology, an attitude which we exercise develop questions about present's academical writing produced in UFES's post-graduation studies.

Keywords: UFES's post-graduation studies. Cientifical writing.Present writing.Truly writing.Weaponwriting. Nomadicwriting.

SUMÁRIO

Para localizar o leitor.....	9
Organização da dissertação	14
Artigo I - Dançando na corda bamba: Entre escritas acadêmicas atuais e a urgência de escritas outras.....	16
Artigo II - Entendendo um jogo na pós-graduação brasileira: Uma escrita entre linhas.....	32
Artigo III - Entre racionalidades científicas: uma escrita acadêmica itinerante para além da reprodução.....	48
Notas do autor.....	60

Para localizar o leitor

Buscamos aqui localizar o leitor quais foram os caminhos vividos para se chegar a esta defesa de mestrado bem como anunciar algumas apostas que se configuraram na construção deste trabalho.

Logo de início muitas perguntas se colocaram, ampliando assim o desafio. E é em meio a estas perguntas e nesse caráter problematizador que a experiência de escrita desta pesquisadora tende a aparecer.

Diante da tarefa de se escrever esta dissertação questões borbulharam a todo tempo, me colocaram em tensão e me forçaram a pensar. Sim me forçaram! Vivenciamos assim a afirmativa de Deleuze quando ele diz que: “[...] sem algo que force a pensar, sem algo que violente o pensamento, este nada significa. Mais importante que o pensamento é o que ‘dá que pensar’” (DELEUZE, 2010, p. 89). Deste modo, um pouco violentada iniciamos o percurso.

Abrindo mão de fórmulas prontas, ou de um seguimento não criterioso de um script nos lançamos em uma nova aposta: a de acreditar que são nos encontros que nos constituímos que construímos nossos campos problemáticos, nossas pesquisas. Assim a partir de orientações, conversas sobre projetos de colegas, encantamento por um modo de fazer pesquisa e inquietações sobre uma política de escrita, alguns direcionamentos foram surgindo.

A questão principal desta pesquisa não foi pré-fabricada em um momento específico, nem retirada de livros e periódicos após uma revisão de literatura, ela vem se formando e sendo construída antes mesmo do início do mestrado em Psicologia Institucional, nos dois anos transcorridos e agora toma força quando surgem estas linhas. Desta forma experimentamos que

As questões fabricam-se, como qualquer outra coisa. Se não nos deixam fabricar as nossas questões, com elementos vindos de toda a parte, não importa de onde, se apenas no são "colocadas", não temos grande coisa a dizer. A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição do problema, antes de se encontrar uma solução (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 11).

Assim, com o título “O que pode uma escrita? A produção acadêmica hoje”, este trabalho traz como problema principal analisar modos de escrita acadêmica no contemporâneo. Para isso apresenta como corte metodológico uma análise de como professores pesquisadores de programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) estão escrevendo suas pesquisas na atualidade.

Tal campo problemático foi se constituindo a partir de interesses por pesquisas, leituras e escritas conceituadas como científicas, de realização de pesquisas antes mesmo de estar inserida em algum programa de mestrado e doutorado e principalmente a partir de inquietações após leituras de artigos científicos, anais de congressos, coletâneas e livros, produzidos por professores pesquisadores de programas de pós-graduação no Brasil. Ao me deparar com estes materiais me indagava a cerca de um modo de se fazer pesquisa na atualidade e principalmente de se escrever sobre ela. Embora percebesse um número elevado de produções, em sua maioria, estas apresentavam uma escrita repetitiva, inúmeros artigos de um mesmo autor defendendo a mesma proposição com pequenas modificações de palavras, trabalhos com múltiplos autores, anais com um maior número de pesquisas inscritas e com isso um menor espaço para expô-las e o que mais me sobressaía muitas escritas baseadas em cópias de forma parcial ou total de produções textuais já existentes.

Sem o intuito de culpabilizar pesquisadores, programas brasileiros de mestrado e doutorado, revistas científicas e órgãos de fomento à pesquisa, o objetivo principal deste trabalho é o de colocar em análise modos de escrita acadêmica na atualidade bem como sua interface com o trabalhador docente universitário. Buscamos assim questionar como professores pesquisadores de programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo estão escrevendo suas pesquisas, que linhas costuram essa(s) escrita(s), como esses modos de escrita vêm se constituindo nestes programas e se outras formas de escrita acadêmica podem ser criadas.

Em meio a estas questões, contrapondo um conceito tradicional de metodologia que traça um campo ou um caminho que deve ser seguido de um

ponto a outro, (Deleuze e Guattari, 1977, p.30), fizemos intervir outros princípios de método onde algumas experimentações, ou melhor, hódos-metá¹ foram utilizados. Arriscamos como o principal deles o trabalho de diagnóstico de Michel Foucault que a partir de uma ontologia do presente propõe dizer a atualidade. Compartilhamos a ideia deste autor ao propormos que “o momento em que se vive é muito interessante e exige ser analisado, decomposto, e que de fato saibamos colocar a questão: o que é a atualidade?” (Foucault, 2005, p. 325)

Para Foucault esta análise se dispara “a partir de alguns pontos que o olhar designou e dos quais se desdobra o mapa da atualidade” (Artières, 2004, p. 30). Ele afirma ainda que este diagnóstico não provém somente deste olhar mas também de uma relação específica do diagnosticador consigo mesmo e com o espaço em que percorre (Artières, 2004, p. 31).

Assim para além de uma metodologia propomos uma atitude, onde exercitamos elaborar questões a cerca das escritas acadêmicas produzidas nos programas de pós-graduação da UFES que se colocam no e sobre o presente.

Outro posicionamento que esta pesquisa coloca é a de que o caminho percorrido para elaboração da mesma e as experiências possibilitadas por ela serão trazidos e analisados, porque se acredita que isso também constitua a pesquisa. Valorizamos a experiência como algo vivenciado e do qual se sai transformado. Ao escrevermos este trabalho mais do que uma constatação de um resultado ou uma verdade acadêmica apostamos nas relações que já foram possibilitadas por ele e nas que estão por vir a partir de sua apresentação e leitura. Para além de uma experiência que não é colocada como verdadeira nem falsa a entendemos

¹ No livro *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade* os autores em sua apresentação afirmam que a metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: metá-hódos. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (hódos) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-metá. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude.

Como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o "caminho" metodológico. (PASSOS, BARROS, 2009)

Diante disto, buscamos favorecer a composição da experiência da mestranda que redige este trabalho com a dos professores pesquisadores atuantes nos programas de pós-graduação da UFES e o percurso de suas escritas em detrimento de uma resposta ou dado comprobatório. Desta forma experimentamos um modo de fazer pesquisa que se inventa enquanto se faz e apostamos que “o que conta num caminho, o que conta numa linha, é sempre o meio, não é o princípio nem o fim” (DELEUZE, 2004).

Então para prosseguir o caminho uma questão: Quem fala ou age? Ampliando a pergunta deleuziana: quem escreve? Sempre uma multiplicidade (Deleuze, Foucault, 1979). Confirmando esta provocação, nesta escrita encontram-se muitas marcas e para nominar algumas destacamos as de Deleuze, Guattari, Foucault, Chauíe Deise Mancebo, principais companheiros convocados para esta empreitada.

Para a efetivação da pesquisa foram realizadas entrevistas/conversas com professores pesquisadores de programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente esta universidade conta com 48 cursos de mestrado e 19 cursos de doutorado em 48 Programas de Pós-Graduação².

A escolha pelos participantes se deu inicialmente de forma aleatória tendo como requisitos que o professor fosse atuante em seu programa de origem e desejasse colaborar com a pesquisa. Após a primeira entrevista-conversa os demais participantes foram indicados pelo colaborador anterior.

Denominamos esses encontros com os docentes de entrevista-conversa para evitar o procedimento pergunta-resposta, comumente utilizados em entrevistas tradicionais, que segundo Deleuze alimenta dualismos e prejudica o exercício do pensamento. Ele sustenta a ideia de que:

² Dados obtidos no site da instituição. Para maiores informações ver <http://portal.ufes.br/ufes-em-n%C3%BAmoros>

Há sempre uma máquina binária que preside a distribuição dos papéis, e que faz com que todas as respostas devam passar por perguntas pré-formadas, uma vez que as perguntas são já calculadas sobre as respostas supostas prováveis segundo as significações dominantes. (...) A máquina binária procede assim, mesmo quando o entrevistador está de boa fé. É que a máquina ultrapassa-nos e serve outros fins. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 31)

Desta forma, embora houvesse um mínimo roteiro de interesse da pesquisadora, as conversas não foram estruturadas com perguntas prévias. É importante destacar que estes encontros não direcionados por um questionário pré-estabelecido proporcionaram uma ampla discussão do que pode uma escrita científica no trabalho do professor participante e principalmente como o mesmo a tem produzido em seu cotidiano. A partir destas conversas que foram filmadas, alguns apontamentos emergiram e impulsionaram a realização deste trabalho.

Vale ressaltar que todos os envolvidos nesta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em que ficou acordado que a privacidade dos mesmos será respeitada, ou seja, qualquer dado ou elemento que possa de qualquer forma identifica-los será mantido em sigilo. Para isso, a fim de uma organização da escrita e melhor compreensão do leitor, os professores colaboradores deste trabalho foram identificados por nomes de heróis da mitologia grega. Tal escolha se deu por um gosto da pesquisadora por este tema e também pela percepção, nas conversas com os participantes, de impotências e ao mesmo tempo de saídas simples e criadoras, de façanhas não esperadas, características marcantes encontradas nos ditos heróis gregos.

Organização da dissertação

A apresentação desta pesquisa não está organizada de forma tradicional, encadeada por capítulos lineares e progressivos. A partir da questão norteadora “O que pode uma escrita?”, esta dissertação é composta por três artigos não necessariamente complementares que se tocam e se entrecruzam em pontos muito próximos embora cada um trilhe diferentes caminhos trazendo questões que lhes são específicas.

Com isso a leitura dos mesmos pode ser aleatória, independente e para facilitá-la explicitaremos um breve resumo a seguir:

No primeiro artigo intitulado **“Dançando na corda bamba: Entre escritas acadêmicas atuais e a urgência de escritas outras”** evidenciamos diferentes modos de escrita científica existentes nos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), colocamos tais modos em análise e apostamos na possibilidade de se criar escritas outras. Tratamos de uma escrita do presente e de uma escrita verdadeira, propomos um êthos do professor-pesquisador atuante nestes espaços e afirmamos a urgência de uma escrita acadêmica que produza transformação na vida.

Já no segundo artigo: **“Entendendo um jogo na pós-graduação brasileira: Uma escrita entre linhas”** afirmamos a coexistência de uma macropolítica e uma micropolítica como dois modos de recortar a realidade e indicamos que a escrita acadêmica produzida nos programas de mestrado e doutorado da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) se encontra entrecruzada por estas duas dimensões. A partir do conceito de máquina de guerra sinalizado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, também analisamos um jogo existente nestes espaços e evidenciamos a produção de escritas armas.

Por fim no terceiro artigo: **“Entre racionalidades científicas: uma escrita acadêmica itinerante para além da reprodução”** apresentamos questionamentos e considerações sobre modos de se fazer pesquisa e de se produzir conhecimento na atualidade. Sem a intenção de trazer uma história das ciências, buscamos também tensionar gêneros científicos produzidos nos

programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Fazendo alusão aos conceitos de ciência nômade e ciência de estado, indicados por Deleuze, trouxemos uma discussão sobre uma escrita nômade bem como alguns fenômenos fronteiraços que uma ciência exerce sobre a outra.

Terminamos com as “**Notas do autor**”, espaço designado para uma breve exposição e afirmação de desdobramentos que surgiram na composição deste trabalho e que não couberam nos artigos acima citados.

ARTIGO I

Dançando na corda bamba: Entre escritas acadêmicas atuais e a urgência de escritas outras

Dançando na corda bamba: Entre escritas acadêmicas atuais e a urgência de escritas outras

Myrian Santiago da Silva

Resumo

Este artigo apresenta modos de escrita científica criados nos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e a partir disto traz como contribuição uma análise destes modos existentes e a possibilidade de se criar escritas outras. Tratando de uma escrita do presente e de uma escrita verdadeira propõe um êthos do professor-pesquisador atuante nestes espaços e afirma a urgência de uma escrita acadêmica que produza transformação na vida.

Palavras-chaves: Escrita do presente. Escrita verdadeira. Êthos professor-pesquisador.

Abstract

This article presents ways of writing created by the UFES's post-graduation studies and, from that, brings as a contribution an analysis of existing ways and possibility of creating other writing. Speaking of a present writing and also an truly writing suggests an professor-researcher êthos active on these spaces and affirms an urgency of an academical writing that can produce transformation in life.

Keywords: Present's writing. Truly writing. Professor-researcherêthos.

Em meio a tantas escritas sobre quais escrever?

Mas a leitura acadêmica tem me cansado. Eu queria escrever mais livre, sem ta tão presa ao controle acadêmico. No geral a escrita acadêmica é muito rígida e a gente acaba tendo uma formação de uma escrita cheia de regras que reforçam isso. Esse negócio de colocar tudo em normas, é necessário mas também é chato. Eu gostaria de escrever sem muito academicismo, eu já tenho uma ideia (risos). Mas não é tudo tão ruim se não eu não estaria aqui né... tem escritas meio sexo dos anjos, muito fora do que estamos vivendo, mas não é regra geral. As produções científicas tem um sentido, acho que deveria ter um sentido maior. Acho que deveríamos produzir uma linguagem diferenciada. Nossa academia é muito conservadora. Os textos acadêmicos deveriam ser bons de ler, tenho lido cada coisa que meu Deus. É um vocabulário tão rebuscado, buscando uma excelência acadêmica, acho que não é por aí. Queria conciliar a escrita acadêmica ao prazer. Eu às vezes acho a escrita acadêmica muito feita pra acadêmicos, é uma reprodução de profissionais. Acho que tinha que ser uma escrita mais acessível. Um dia desses eu escrevi um artigo e pedi pra minha empregada ler, ela riu. (Atlanta)

Os textos acadêmicos deveriam ser bons de ler. Os textos acadêmicos deveriam ser bons de escrever. E podem ser! Essa é uma das apostas deste artigo que se configurou a partir da pesquisa de mestrado intitulada “O que pode uma escrita? A produção acadêmica hoje”.

Neste trabalho pode-se perceber que diversos modos de escrita são criados nos programas de pós-graduação brasileiros e a partir disto traz como contribuição uma análise de alguns modos existentes e a possibilidade de se criar escritas outras.

Tentando avançar na questão da dicotomia entre sujeito e objeto esta pesquisa não foi em busca de um campo problemático distante, algo a ser estudado de forma neutra e imparcial. Acreditando que: “A relação determina o objeto, e só existe o que é determinado” e ainda que: “O objeto não é senão o correlato da prática; não existe antes dela” (Veyne,1982), os objetivos desta pesquisa foram se constituindo a partir de uma prática de escrita desta mestranda do programa de pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Diante da tarefa de se escrever uma dissertação muitas indagações surgiram: Por que escrevemos dissertações, artigos e teses? Para quem? Como escrevemos? O que estamos percorrendo com tais escritas? Estas e tantas outras questões mobilizaram este estudo e possibilitaram o exercício permanente de se pensar e escrever com atenção e curiosidade. Não uma curiosidade que se direciona ao descobrimento de algo, mas sim a que:

Evoca a atenção que se tem com o que existe ou poderia existir; um sentido aguçado do real, mas que jamais se imobiliza diante dele; uma prontidão em achar estranho e singular o que nos rodeia; uma certa obstinação em desfazer-se de nossas familiaridades e em olhar diferentemente as mesmas coisas; um ardor em seguir o que se passa e o que acontece; uma desenvoltura em relação às hierarquias tradicionais, entre o que é importante e o que é essencial. (FOUCAULT, 1980).

Com esta curiosidade e inquietações sobre uma política da escrita que vigora no meio acadêmico na atualidade emerge a pergunta título desta pesquisa: O que pode uma escrita?

Mas em meio a tantas escritas existentes na pós-graduação brasileira, sobre quais escrever? Para responder a esta pergunta e a fim de cumprir orientações metodológicas o objetivo específico deste trabalho foi analisar como os docentes atuantes nos programas de mestrado e doutorado da UFES estão escrevendo sobre suas pesquisas em artigos que visam ser submetidos às revistas consideradas científicas reconhecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Para isso foram realizados encontros individuais com nove professores pesquisadores de programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. Nestes encontros os docentes já entrevistados indicavam os próximos a participarem desta etapa da pesquisa.

Também nestes momentos, que foram filmados, alguns apontamentos, alianças, desabafos, alegrias, decepções e propostas a cerca do problema apresentado foram experimentados. É por este caminho que a escrita deste trabalho tende a aparecer.

Por fim vale destacar que todos os envolvidos neste trabalho assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde ficou acordado que a privacidade dos mesmos será respeitada. Assim, neste artigo os professores colaboradores foram identificados por nomes de heróis da mitologia grega.

Entre uma escrita qualquer e uma escrita do presente

Algumas vezes na correria frenética por um número “x” de artigos a gente acaba fazendo uma escrita qualquer, claro com um certo critério mas sem tempo de pensar muito no que ta rolando por aí, do que estamos fazendo mesmo por aqui, sei lá...(Aquiles)

Você tem que publicar, tem que gerar publicação. Eu concordo com isso. Você faz pesquisa e deixa num relatório engavetado. Não! Tem que publicar. Você ta recebendo um salário que não é baixo pra realidade brasileira e vai escrever um negócio pra ninguém ler? Não! Só que isso faz com que a gente comece a escrever sobre o nada, a escrever sem controle, sem rigor. (Agamenon)

Em muitos dos encontros com os professores participantes nota-se que alguns descrevem a produção de seus artigos como escritas quaisquer, como uma atividade automática, realizada com roteiros prontos, fruto da reprodução de um resultado já esperado. Por outro lado fala-se com entusiasmo de uma escrita descoberta, inovadora que revela um futuro promissor para a academia e a ciência no Brasil. No entanto em ambos os posicionamentos observa-se um distanciamento de uma experimentação do vivido ou de um questionar-se a cerca do presente, do que se passa e acontece em meio a essa prática. Mas como se realizaria isso e que presente seria esse?

Tentando responder a esta pergunta recorreremos a Foucault que nos auxilia indicando uma história do presente. Ele propõe escrever a história a partir da atualidade, “fazer a história do passado nos termos do presente” (Foucault, 1984). Isto não significa interpretar o presente a partir da história passada a fim de estabelecer uma continuidade entre este passado e as suas formas atuais de sobrevivência, tampouco em interpretar o passado, dando-lhe novo sentido

a partir de questões contemporâneas, mas sim escrever a história a partir de uma crítica do presente.

Desta forma rompe-se a ideia de que organizando o passado, buscando compreendê-lo e recontando-o com os fatos ordenados numa certa temporalidade linear, facilitaria a compreensão do presente e a visualização de futuros possíveis. Eis outra proposta, a de pensar uma nova relação com o tempo, a tradição, com a história e consigo mesmo.

Foucault traz outra maneira de problematizar a História, preocupando-se não mais em revelar e explicar o real, mas em desconstruí-lo enquanto discurso. Portanto os eventos históricos não existem como dados naturais, bem articulados entre si, obedientes às leis históricas e esperando para serem revelados.

Encontra-se aí um desvio histórico, uma reversão na forma de conceber o ato de historiar. Essa não visa uma origem tampouco desvendar uma verdade, mas sim analisar discursos, enunciados por nós produzidos no e pelo presente.

Em seu texto dedicado a Kant, em 1984, sobre a Aufklärung (O que são as luzes?), Foucault nos aponta outras pistas para discutirmos o termo presente. Neste texto ele não se refere ao presente como uma época. Diz ainda que o mesmo não tem a função de anunciar acontecimentos que estão por vir e de ser compreendido a partir de uma totalidade ou de uma realização futura, mas sim a partir de uma atitude. Essa atitude se caracteriza como “um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir” (Foucault, 1984).

Neste mesmo artigo o autor nos convoca a tensionar nossa própria atualidade. Instigado pelo pensamento Kantiano nos propõe uma forma diferente de analisarmos o presente. Segundo ele, Kant em seu texto “Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo?”³ traz uma novidade para a filosofia:

Mas me parece que é a primeira vez que um filósofo liga assim, de maneira estreita e do interior, a significação de

³ Texto publicado no ano de 1784 para o periódico alemão *Berlinische Monatsschrift*.

sua obra em relação ao conhecimento, uma reflexão sobre a história e **uma análise particular do momento singular em que ele escreve e em função do qual ele escreve**. A reflexão sobre “a atualidade” como diferença na história e como motivo para uma tarefa filosófica particular me parece ser a novidade deste texto. (FOUCAULT, 1984, p. 341)

Assim, dando prosseguimento à novidade trazida por Kant, Foucault nos indica uma tarefa filosófica: a de se pensar a atualidade nos considerando como elementos e agentes do processo. Para isso ele fala do presente menos como uma época do que como uma atitude ou ainda um êthos⁴ (FOUCAULT, 1984, p. 341). Deste modo somos convocados a um exercício de se traçar uma ontologia crítica do presente, onde olhá-lo nesta concepção de êthos filosófico se expressa numa crítica permanente de nós mesmos.

Acreditamos então que tal tarefa também possa ser realizada na elaboração de artigos, dissertações e teses. Ao avaliarmos como e o que se tem escrito nos artigos científicos contemporâneos produzidos nos programas de pós-graduação da UFES, quais linhas costuram estas escritas, que pesquisas são fortalecidas e preteridas, fazendo uma experimentação crítica do que se vive entre os acontecimentos promovidos neste campo na atualidade, podemos criar desvios em relação aos modos de escrita já naturalizados e possibilitar, de maneira sóbria, invenções de escritas outras.

Eis então outra aposta deste trabalho: a urgência de escritas do presente, escritas que se interrogam sobre o que são (a maneira que são constituídas) e o que fazem.

Mas como realizar isso? Como inventar tal escrita em um meio que, segundo muitos professores, favorece uma produção em série de escritas quaisquer?

Kafka nos aponta uma direção: Dançando na corda bamba. (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p.30) Com a similar destreza e maleabilidade de tal dançarino, os professores transitam entre modos de escrita institucionalizados experimentando e formulando oportunidades, mínimas que sejam, ora para se manterem “na corda” ora para criarem alternativas para sair dela. Tal prática

⁴ Palavra grega que significa atitude, ação, escolha.

não é exercida somente para negar ou reagir ao que já está estabelecido, mas também para construir estratégias para superá-lo.

Esta destreza que não é algo dado, pré-existente, se configura coletivamente no cotidiano, no próprio exercício do professor-escritor diante de seu ofício. E isto tem acontecido nos programas de mestrado e doutorado da UFES:

Então eu vi que tinha que escrever dois artigos pra ontem já que não tinha feito isso no primeiro semestre. Aí quase pirei... Dois artigos, mais três mestrandos em fase de defesa e mais um tanto de coisas que minha pós me pede... Depois que respirei fundo comecei a pensar nisso tudo e escrevi um e-mail para alguns colegas do programa. Infelizmente sem surpresa alguma percebi que estávamos todos no mesmo barco. Outros e-mails surgiram, conversamos sobre o que tava rolando, foi bacana. Os artigos tiveram que sair e saíram. Tudo direitinho nas normas, encaminhados para boas revistas, foi um sufoco sim mas sinto que foi com uma escrita diferente. Pode parecer piegas falar isso mas sinto que não escrevi sozinho e isso fez toda a diferença. (Adônis)

“Mas sinto que não escrevi sozinho e isso fez toda a diferença”. E não escreveu mesmo, pois acreditamos que “o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum” (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p.27). E esta ação comum, coletiva é mais uma direção para a construção de escritas do presente.

Muitas vezes algumas ações consideradas coletivas são solicitadas pelos docentes. Em sua maioria estas são colocadas como um momento de encontro entre os professores limitado por um espaço físico. Os mais citados nesta pesquisa foram: reuniões do programa, do departamento e grupos de discussões.

A gente tem muitas reuniões mas se a gente se reúne mesmo aí é outra coisa... Eu estava no início quando a gente queria montar esse programa, era bate papo nos corredores, cervejada, almoços, brigas bacanas mas agora que conseguimos nota 4 a gente mal se vê nas reuniões de departamento e naquelas para resoluções de problemas burocráticos... Isso enfraquece, tenho até saudades das brigas mas não sei se isso vai mudar não...(risos) (Adônis)

No entanto quando nos referimos ao coletivo não estamos falando de um conjunto de indivíduos ou de uma oposição ao termo individual, mas sim como

um “espaço-tempo entre o individual e o social (...) algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável”. É importante destacar que esta ação não é “uma política de soluções duradouras dos problemas, mas uma experiência coletiva permanente de problematizações, identificações de perigos e escolhas ético-políticas”. (ESCÓSSIA, 2009)

Ao percebermos a força desta ação comum surgem outros desafios para o professor-pesquisador como o de conceber vias de acesso a estes espaços-tempos que não são prontos e o exercício permanente e atento de criá-los e experimentá-los.

Diante de tais desafios destacamos também a necessidade de um êthos do professor-pesquisador que vislumbra uma escrita do presente. Neste momento é interessante pensar a prática daquele que escreve e problematizar a ética do intelectual da atualidade.

Para isso retomamos o artigo “O que são as luzes?” onde Foucault sinaliza mais uma contribuição de Kant quando este trata o Iluminismo como um momento em que a humanidade tomará posse de sua própria razão, onde através do esclarecimento esta sairá do que ele denomina menoridade ⁵, “processo do qual os homens fazem parte coletivamente e um ato de coragem a realizar pessoalmente” (FOUCAULT, 1984, p.337). A partir deste conceito o autor nos impele a uma atitude transformadora que nos coloca como promotores e interventores da atualidade.

Ainda de acordo com Foucault, o papel do intelectual foi se transformando ao longo do século XX. Este foi se deslocando de uma atuação universal, detentora de uma visão global da sociedade, para uma mais determinada, direcionada à sua própria vida. É o que ele chama de intelectual “específico”, em oposição ao intelectual “universal”.

⁵ A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem. (KANT, 1784)

Interessa-nos a figura do intelectual específico que ao contrário do universal que mantém um discurso geral sobre a sociedade, “age teoricamente sobre problemas bem definidos”. Além disso, ele deve permanentemente se questionar quanto à escolha de um problema em detrimento de outro e exercitar uma grande capacidade crítica que confronte o que ele pensa com o que ele faz e o que é. (ARTIÈRES, 2004. p. 41-43).

Com essa confrontação, numa vigilância consigo mesmo em seu cotidiano o papel do professor-pesquisador que produz uma escrita do presente é o de ser um:

Destruidor das evidências e das universalidades, aquele que se localiza e indica nas inércias e restrições do presente os pontos frágeis, as aberturas, as linhas de força, aquele que, incessantemente, se desloca, não sabendo mais ao certo onde estará nem o que pensará amanhã, por estar completamente atento ao presente. (ARTIÈRES, 2004. p. 16).

Como consequência dessa atitude de dizer a atualidade, a escrita produzida por ela não consiste em prescrever caminhos a serem seguidos, tampouco anunciar um futuro promissor, mas sim em convocar a todo instante um exercício do pensamento,

Um pensamento às voltas com forças exteriores em vez de ser recolhido numa forma interior, operando por revezamento em vez de formar uma imagem, um pensamento-acontecimento, hecceidade, em vez de um pensamento-sujeito, um pensamento-problema no lugar de um pensamento-essência ou teorema, um pensamento que faz apelo a um povo em vez de se tomar por um ministério. (Deleuze e Guattari, 1997, p.40)

Entre uma escrita da verdade e uma escrita verdadeira

Eu vejo muito nas pesquisas brasileiras a visão de um mundo e de um homem que não são reais. E esse é o tipo de conhecimento que a gente tem escrito. E isso se transforma em política. Esse conhecimento nosso pra mim é incorreto, perverso, descolado da realidade que estamos vivendo e leva a lugar nenhum. Não escrevemos de forma verdadeira e assim produzimos pouca mudança. (Aquiles)

“Não escrevemos de forma verdadeira”... Esta afirmação nos conduz a algumas questões: Como trabalhar com um conceito de verdade, que escrita verdadeira seria essa?

Alguns filósofos interrogaram-se quanto à questão da verdade, inclusive Foucault que nos cursos de 07, 14 e 21 de março, indicou quatro formas que uma coisa seria considerada verdadeira: o que não é escondido ou dissimulado, o que não recebe nenhuma alteração, o que é direto e o que se mantém incorruptível. (GROS, 2004, p.163). Algumas discussões podem ser levantadas a cerca destas definições, porém, interessa-nos neste estudo caminhar para além de uma conceituação moral da palavra verdade.

Deste modo, para darmos continuidade a este trabalho, seguimos ainda com Foucault que, marcado pelos pensamentos kantianos, nos aponta duas tradições críticas entre as quais está a filosofia moderna: a ontologia do presente, que tratamos anteriormente e a analítica da verdade, que visa determinar as condições do conhecimento para que este seja verdadeiro e se estabeleça como conhecimento científico. (FOUCAULT, 2005, v. II).

Isso nos aponta que a analítica da verdade institui uma verdade que pode ser revelada, descoberta e a partir disto é colocada como critério a ser seguido. Vimos que muitas das escritas consideradas científicas realizadas na atualidade se encaminham sob essa perspectiva, onde:

A verdade é decorrente da natureza ou da essência das coisas e, por isso, o trabalho do pensamento deverá encontrar os critérios precisos de análise para que seja possível enunciar a verdade sobre a natureza e sobre a essência das coisas. Nesse sentido, o pensamento se sedimenta em um modo de funcionamento no qual o principal interesse reside no encontrar da verdade acerca das coisas a partir de um método que o direcione para atingir esse objetivo. A partir dessa sedimentação, cria-se um regime de verdade que passa a sujeitar o pensamento e ditar o que deve ser pensado e como uma coisa deve ser pensada, fazendo surgir um “lugar comum” no discurso filosófico e científico, onde qualquer forma de pensamento que não se circunscreva na procura da verdade e que não siga um método é entendida como falsa. (GELAMO, 2009, p.79)

Assim, tendo esse regime como modelo e objetivando a procura “da verdade”, ariscamos afirmar que muitas escritas são produzidas nos programas de pós-graduação da UFES já com a expectativa de um resultado esperado por um modo de comunidade científica que vigora atualmente que coloca a ciência num lugar único da verdade e não como um dos regimes possíveis de verdade ou de formas que ganham efeitos de verdade.

Sem o intuito de desvalorizar uma escrita criteriosa, com alguns encaminhamentos a serem seguidos, nos cabe agora outra questão: Como produzir uma escrita acadêmica que não seja algo que diga “qualquer coisa”, mas que faça fugir do script de uma escrita da verdade?

A entrada escolhida para pensar este questionamento foi o estudo de Foucault dos anos de 1983 e 1984 dedicados à noção de parrhesia ou da coragem da verdade. Nesses estudos este autor traz pensamentos dos trágicos aos cínicos, fortes expressões da filosofia grega que nos auxiliam no entendimento deste conceito.

A parrhesía, na literatura grega, foi traduzida como uma liberdade no dizer, um falar francamente. Ao contrário da analítica da verdade que tem como pressuposto impor códigos universais ela é entendida como uma prática de liberdade que produz “outro sujeito cujo estatuto é extremamente variável, fluido, indeterminado e em nenhum caso institucionalizado”. (FIMIANI, 2004, p.124).

Foucault afirma que o que está em questão para este termo é esta liberdade que faz com que alguém diga o que tem a dizer, de maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer (FOUCAULT, 2006, p.289-290).

É importante destacar que esse dizer verdadeiro não é um dizer “qualquer coisa”, um “dizer tudo e seu contrário”, há um engajamento, um êthos desse sujeito que exprime não apenas a obrigação ao dizer verdadeiro, mas também uma ética efetiva da verdade. (FIMIANI, 2004, p.124). Nisto consiste a parrhesia: um engajamento que compromete aquele que fala a uma atitude que seja coerente à verdade por ele anunciada.

Para além de uma transmissão de códigos verdadeiros que devem ser seguidos para ampliar o conhecimento, o franco falar tem como principal função produzir efeitos de transformação na vida sendo assim “um dizer que dá forma a própria existência”. (GROS, 2004, p.159). Deste modo a parrhesia é uma prática que demanda um ato pessoal com uma implicação coletiva.

O parresiasta é então esta pessoa que a partir de uma vida verdadeira busca “tornar diretamente legível no corpo a presença explosiva e selvagem de uma verdade nua, de fazer da própria existência o teatro provocador do escândalo da verdade”. (GROS, 2004, p.163).

É nesse contexto de junção de um falar francamente a um estilo de vida, que observamos o interesse de Foucault pelos cínicos gregos. Estes não tinham o intuito de instituir modelos doutrinários, mas sim o de deixar exemplos a partir da própria vida. Com a coragem da verdade os cínicos nos incitam a uma ética, a uma estética da existência:

A de fazer aflorar por sua ação verdades que todo mundo conhece, mas que ninguém diz, ou que todo mundo repete, mas que ninguém se dá ao trabalho de fazer viver, a coragem da ruptura, da recusa, da denúncia. (...) não se trata da fundação de uma moral que busca o bem e se afasta do mal, mas da exigência de uma ética que persegue a verdade e denuncia a mentira. Essa não é a moral de filósofo, é uma ética do intelectual engajado. (GROS, 2004, p.165-166).

Ainda com base nesta ética e influenciados pela parrhesia cínica somos levados a um questionamento: Os programas de pós-graduação brasileiros, em especial os da UFES, são espaços habitados por intelectuais engajados com a vida e estes em seu exercício cotidiano produzem escritas verdadeiras?

Os professores participantes desta pesquisa nos dizem que sim, no entanto, mais do que afirmar que escritas verdadeiras são ou não realizadas nestes locais interessa-nos colocar neste trabalho que “mais essencial que qualquer verdade é a exigência da verdade”. (GROS, 2004). Isto nos faz pensar novamente um êthos daquele que escreve.

Questões próximas a essas também perpassaram os pensamentos de Foucault que ao se inclinar sobre o tema do falar francamente se interrogou

“sobre o estatuto de sua própria palavra, sobre seu papel de intelectual público e sobre os desafios de sua função”. (GROS, 2004, p.155).

Para pensar o papel do intelectual na modernidade, Foucault categorizou três modos de intelectuais: os que não se pronunciam porque julgam que não serão compreendidos; os que atribuem à sua tarefa somente ensinamentos a um público específico via cursos e conferências, recusando um enfrentamento diante da cidade e por último os que o encanta, os cínicos, que a partir da vida agem nas ruas, nas portas dos templos. (VIEIRA, 2013, p.102)

Com a parrhesia cínica que coloca a verdade pondo a vida à prova e que rejeita quaisquer princípios e normas não compatíveis a uma existência verdadeira, Foucault identifica um papel do intelectual para os dias atuais, que é o de colocar em questão tudo o que nos cerca ou ainda como nos relata Paul Veyne o de “arruinar as evidências e dissipar as familiaridades admitidas”. (VIEIRA, 2013, p.106)

É entre uma escrita instituída, que vem ganhando espaços nos programas de pós-graduação brasileiros que se constitui um modo de professor-pesquisador que visa uma escrita verdadeira. Para isso se faz necessário um exercício de vigilância consigo mesmo e um permanente interrogar-se em relação a outras formas de escritas possíveis. Concluimos então que a prática da escrita verdadeira também é um tipo de exercício de vida.

Considerações Finais

Neste espaço de considerações finais é importante sinalizar que ao trazermos uma escrita do presente e uma escrita verdadeira não as colocamos como modelos a serem seguidos e tampouco queremos priorizá-las em detrimento de modos de escrita já existentes nos programas de pós-graduação da UFES bem como de outros que possam surgir.

Não acreditamos em uma escrita boa ou má, pois pensamos que estas polarizações operadas entre as dimensões do real são, segundo Veyne (1982), falsos problemas decorrentes de uma visão naturalizante e substancialista, cujo

efeito mais perverso é a restrição do pensamento moderno ocidental e o reducionismo e empobrecimento das práticas decorrentes.

Evidenciando uma escrita do presente no meio acadêmico queremos “fazer aparecer o que está tão perto, o que é tão imediato, o que está tão intimamente ligado a nós mesmos que exatamente por isso não o percebemos”. (Gros, p.15)

Além disso, para além do “fazer ver o que vemos” também afirmamos que ao dizer a atualidade a escrita e a ação são uma só e mesma coisa. Ela problematiza o presente, propõe saídas, produz realidade. Por mais individual que o ato da escrita possa nos parecer, a construção da mesma é uma política que “implica necessariamente um coletivo, um conjunto de devires sociais”. (diálogos, p.114). Desta forma apostamos que “o escritor não é um homem escritor é um homem político”. (Deleuze e Guattari, 1977, p. 8).

Com a proposta de uma escrita verdadeira não queremos interrogar os conteúdos do que se tem produzido nos programas de mestrado e doutorado na atualidade mas sim a forma que estes são construídos e realizados.

Com esta escrita que nos remete a um exercício contínuo, colocamos em questão o que já está existente para repensarmos o que pode ser validado e o que deve ser rejeitado.

Não a compreendemos como uma busca a uma verdade escondida que seria preciso descobrir, desvelar mas sim pela viabilização e criação de modos de existência. Acreditamos que a escrita verdadeira nos remete a uma decisão, a uma prática que produza uma mudança no modo de ser do sujeito e do mundo.

Por fim, ao sinalizarmos uma escrita verdadeira e do presente, entre tantas outras que já são realizadas nos programas de pós-graduação da UFES, tivemos como principal objetivo propor uma convocação, a urgência de elaborar em nossa atualidade, em nosso cotidiano acadêmico uma ética que aposta na criação de novos modos de escrever e de viver.

Referências

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault/ Gilles Deleuze**. Trad. Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. Editora Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, março de 2004.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- ESCÓCIA, L.; KASTRUP, V.; PASSOS, E. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: 2009.
- FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: MOTTA, M. B. (Org.). **Arqueologias das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Frédéric Gros (org.); Philippe Ariès...[et al.]; tradução de Marcos Marcionili. Parábola editorial. São Paulo. 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

ARTIGO II

Um jogo na pós-graduação brasileira: Uma escrita entre linhas

Um jogo na pós-graduação brasileira: Uma escrita entre linhas

Myrian Santiago da Silva

Resumo

Afirmando a coexistência de uma macropolítica e uma micropolítica como dois modos de recortar a realidade, este artigo propõe que a escrita acadêmica produzida nos programas de mestrado e doutorado da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) se encontra entrecruzada por estas duas dimensões. A partir do conceito de máquina de guerra sinalizado por Gilles Delleuze e Félix Guattari, também analisa um jogo existente nestes espaços e evidencia a produção de escritas armas.

Palavras-chaves: Macropolítica. Micropolítica. Máquina de guerra. Escrita arma.

Abstract

Stating the coexistence of a macropolicy and a micropolicy as two forms of cutting reality, this article proposes that academical writing produced at the Universidade Federal do Espírito Santo's (UFES) post-graduation studies is interwoven by those two dimensions. Since Gilles Delleuze and Félix Guattari signalized the concept of war machine, also analyses an existent game on post-graduation studies and demonstrates the weapon writing production.

Keywords: Macropolicy. Micropolicy. War machine. Weapon writing production.

Questões Políticas: Uma escrita entre linhas

A pós é isso: é trabalhar muito... Você só amplia sua margem de trabalho... É levar muito trabalho pra casa... É uma serie de prazos o tempo inteiro na sua cabeça. É a política né e isso não depende de você. (Aquiles)

E é tudo muito rápido, é a era da produção em série, da produção controlada. Me sinto muito podada, submetida a uma política mercadológica...(Atlanta)

Este artigo se constituiu a partir da dissertação de mestrado intitulada “O que pode uma escrita? A produção acadêmica hoje” e traz como objetivo principal analisar modos de escrita acadêmica no contemporâneo bem como sua interface com o trabalho docente na universidade pública brasileira. Para isso apresenta uma análise de como professores pesquisadores de programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) estão escrevendo suas pesquisas em artigos que visam ser submetidos às revistas consideradas científicas reconhecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Foram realizadas entrevistas/conversas com nove professores pesquisadores de programas de mestrado e doutorado desta instituição federal de ensino superior. A escolha pelos participantes se deu inicialmente de forma aleatória tendo como requisitos que o professor fosse atuante em seu programa de origem e desejasse colaborar com a pesquisa. Após a primeira entrevista-conversa os demais participantes foram indicados pelo colaborador anterior. Estes encontros foram filmados e transcritos e para manter a privacidade dos envolvidos na pesquisa os mesmos foram identificados por nomes de heróis da mitologia grega.

Alguns docentes trouxeram inicialmente apontamentos que chamaram de questões políticas. Segundo eles tais questões são para além de suas pesquisas e em sua maioria desenham um cenário hostil do ensino superior brasileiro que aprisiona e enrijece suas escritas.

Fazendo referência a medidas políticas iniciadas nos anos noventa, muitos professores indicam esta data como um recorte importante para a análise do trabalho docente nos programas de pós-graduação no Brasil. Eles afirmam que

a partir desta década ocorreu um fortalecimento da privatização do ensino superior brasileiro o que o precarizou e o enfraqueceu.

Outro ponto sinalizado foi o da flexibilização do trabalho docente que se dá por contratações precárias, por absurdos regimes de contrato de trabalho e um considerável aumento de atividades para o professor. Nesta lógica, estes trabalhadores atuantes nas universidades brasileiras entram numa corrida frenética onde a quantidade de trabalho aumenta consideravelmente e estes devem ser cada vez mais produtivos, entendendo como produção as aulas ministradas, orientações, publicações, projetos, apresentações e participações em eventos dentre outros.

Destaca-se aqui outra problemática levantada: a autonomia da universidade. Eles afirmam que as universidades brasileiras não definem mais suas próprias linhas de pesquisa e prioridades sem antes receberem a liberação das agências financiadoras⁶. Dizem ainda que se sentem vigiados e controlados pelas agências de fomento à pesquisa. Para eles estas que decidem as prioridades a serem pesquisadas e valoram o que é produzido. Também são elas que opinam sobre a qualidade dos programas existentes bem como de seus projetos de pesquisa, constroem toda uma política da pós-graduação no país e determinam a condução e cronograma de atividades e até o tempo necessário para elaboração de uma pesquisa (dois anos para mestrado e quatro para doutorado).

Aliada ao que já foi colocado, também surge como discussão a reforma feita em 2004, na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para os docentes participantes deste trabalho, esta reforma veio aumentar o nível de exigência na qualidade do pesquisador e dos programas de pós-graduação que fazem parte e principalmente direcionar as prioridades a serem pesquisadas. Podemos observar isso nas seguintes falas:

⁶ As agências de fomento são instituições financeiras não bancárias, regulamentadas pelo Banco Central do Brasil. As mais citadas pelos professores participantes desta pesquisa foram a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que financia os grupos PET's (Programa Especial de Treinamento) na graduação e concede bolsas de mestrado e doutorado a cursos de pós-graduação reconhecidos por este órgão e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq que financia: bolsas de investigação científica; aperfeiçoamento; cursos de pós-graduação; apoio à participação em eventos; apoio à promoção de eventos; apoio à editoração, etc.

Eu acho dois anos pouco, quando eu fiz o mestrado eu fiz em quatro anos. Dois anos é muito pouco, muito rápido. Fico me perguntando pra que isso. Como pesquisar, ler e escrever bem nesse tempo? E isso veio de cima né... (Atlanta)

E não é só publicar tem que estar no topo. E estar no topo requer inúmeras apresentações de trabalhos muitas vezes sem importância para a academia, para a vida... E assim a gente segue obedecendo ao que o deus Capes manda. (Aquiles)

Pra te dizer a verdade nem gosto mais de falar sobre isso, é muita discussão inútil. Eu já entrei sabendo e além do mais esse é nosso trabalho não é mesmo? Do que adianta se dizer pesquisador e não publicar? Somos um pouco refém da Capes? Claro que somos! E dessa política então... (Hércules)

Tais apontamentos apresentados pelos professores-pesquisadores vão ao encontro com o que Marilena Chauí (2001) traz sobre a universidade pública nos tempos atuais. Em seu ensaio intitulado “A Universidade hoje”⁷ ela nos indica que a universidade pública brasileira passou por inúmeras mudanças nos últimos anos e que tais transformações estão levando esta universidade a se desligar de funções como promover conhecimento, formação e pesquisa em detrimento de uma lógica proposta pelo capitalismo vigente. Ela nos informa ainda que com a primazia de uma política neoliberal priorizando a lógica do mercado para a organização e constituição da universidade brasileira no contemporâneo, a educação vem se transformando em produto.

Um breve olhar nos Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG) também amplia a discussão trazida pelos docentes. Notamos que o III PNPG (1986-1989) buscou priorizar a necessidade de estreitamento das relações entre a universidade, a pós-graduação e o setor produtivo, tanto como meio de buscar novas fontes de financiamento quanto como mecanismo de aplicação das pesquisas e da busca de desenvolvimento de estudos aplicados (Brasil, 1986).

Após esse período, os debates em torno da formulação do IV PNPG sugeriram que o mesmo contemplasse dois princípios básicos: autonomia institucional e flexibilização. Isso significava que cada universidade deveria assumir a responsabilidade pela gestão de seu sistema de pós-graduação e propor

⁷ Este ensaio foi publicado no ano de 2001 no livro “Escritos sobre a Universidade”.

modelos abertos de acordo com seus objetivos específicos. São propostas que se adequavam ao direcionamento imprimido às políticas públicas pelos dois governos de Fernando Henrique Cardoso. Tratava-se das tentativas de diminuição das responsabilidades da União com as políticas, particularmente com as políticas sociais, como era o caso das políticas para a educação. Neste período destaca-se a restrição no número de bolsas de estudo, nos programas de apoio e fortalecimento dos cursos e nos projetos de qualificação dos docentes do ensino superior.

Deise Mancebo (2009) confirma estas ideias ao afirmar que:

Todavia, é a partir da década de 1990, que se inicia, no Brasil, um consistente processo de redução de gastos públicos federais para o conjunto das instituições federais de ensino superior (IFES)... Assim, muito embora a privatização da educação superior não se restrinja aos dois últimos governos (o de Fernando Henrique Cardoso de 1995 a 2002 e o de Lula da Silva, a partir de 2003), foi neste período que ganhou um curso extraordinário, já que ambos aplicaram a máxima neoliberal, segundo a qual deve haver deserção do Estado de seu necessário protagonismo na implementação da universidade como um bem público e direito de cidadania (MANCEBO; SILVA JÚNIOR; OLIVEIRA, 2009, p.8).

E ainda nos diz que mesmo no governo Lula da Silva (a partir de 2003), a dinâmica privatista permaneceu. O que, segundo ela, foi percebido pelo crescimento das instituições de ensino privadas e uma política de desvalorização do ensino público que diminuía recursos para este setor e contestava a efetivação de novos concursos. Além disso, Mancebo relata que foram surgindo parcerias entre as universidades públicas e as fundações de direito privado, uma possibilidade de cobrança de cursos e venda de “serviços educacionais” e uma expansão do ensino de graduação pela matriz privatista que tem ocorrido principalmente através da educação à distância, cuja oferta tem-se dado na esfera privada.

Mancebo também reitera que com a expansão da educação superior pela via da privatização ficou cada vez mais notória a mercantilização do trabalho docente, onde o professor vive um novo modo de trabalho que privilegia uma corrida contra o tempo (quanto mais rápido melhor), uma competição entre

colegas, departamentos e programas e a necessidade de uma produção contínua de artigos, livros e outras publicações.

Nesse funcionamento de universidade também nos foi apresentado pelos docentes um modo de escrita-produto que se torna forte instrumento de barganha nos programas brasileiros de mestrado e doutorado. Os professores se tornam responsáveis pela viabilização de recursos para retroalimentar essa produtividade, isto é escrevendo mais artigos e publicando mais livros aumentam a probabilidade de recebimento de recursos para os programas a que pertencem. Deleuze nos alerta sobre esse produtivismo ao dizer que atualmente vivemos:

Um capitalismo de sobre-produção. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. (Deleuze, 2000, p.04)

Diante do exposto até o momento é importante analisarmos essas questões sinalizadas pelos docentes. Ao realizarmos isso notamos que em sua maioria, eles trazem uma visão de política somente como algo oriundo de um fora, de um ente exterior que controla todo um campo da pós-graduação no Brasil e que direciona o cotidiano destes trabalhadores que ali atuam.

No entanto, a partir de Deleuze e Guattari, acreditamos que tudo é político. Estes autores nos apontam a coexistência de uma macropolítica (ou o molar) e uma micropolítica, onde a primeira diz respeito a uma linha⁸ de segmentaridade dura, aos conjuntos ou elementos bem determinados (homem/mulher, luta de classes, adulto/criança), e a outra se remete a uma linha maleável ou molecular que traça pequenas modificações e desvios. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.68). Claudia Abbês B. Neves e Silvia C. Josephson também nos auxiliam ao dizer que macro e micropolítica são dois modos de recortar a realidade, são

⁸ A criação do termo "linhas", por Deleuze e Guattari, visa desmontar a ideia de um ponto de partida, de uma origem, de um ponto de chegada. As linhas são os elementos constitutivos das coisas, dos acontecimentos. As linhas de fuga compõem o plano do desejo em sua fruição radical, desarticulam os traçados e operam aberturas para as singularidades diferenciais (afirmativas e criadoras), para as forças do fora que nos fazem "sair de si". (NEVES, 2004, p.17)

dimensões indissociáveis que, apesar de terem seus modos próprios de funcionamento, se infiltram uma na outra.(NEVES e JOSEPHSON, 2002, p. 07).

Com isso podemos afirmar que a pós-graduação brasileira, nosso cotidiano, nossos trabalhos e nossas escritas são entrecruzados ao mesmo tempo pelos planos molar e molecular. Contudo é preciso desconfiar de um tipo polarizado de categorização, pois “as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, de partidos” (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 95).

Afirmamos também que não ocorre uma valoração moral entre os níveis macro e molar, micro e molecular, onde os primeiros seriam os maus e os últimos os bons. “O molecular como processo, pode nascer no macro. O molar pode se instaurar no micro”. (GUATTARI, 1986, p. 133). E desta forma não há somente um inimigo exterior.

Teremos de reconhecer que o inimigo não está só nos imperialismos dominantes. Ele está também em nossos próprios aliados, em nós mesmos, nessa insistente reencarnação dos modelos dominantes, que encontramos não só nos partidos mais queridos ou nos líderes que nos defendem da melhor maneira possível, mas também em nossas próprias atitudes, nas mais diversas ocasiões. (GUATTARI, 1986, p. 48)

Ao colocarmos as questões sobre a precarização das universidades brasileiras, o aumento insano do produtivismo em seus programas de pós-graduação e a flexibilização do trabalho docente numa perspectiva dualista: o Estado, o Governo ou a CAPES versus professores pesquisadores, podemos chegar a um equivocado fatalismo. Afinal “é muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos”. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 85).

É necessário criar alternativas, fazer aliados, sabendo que o Estado tem sua própria estrutura, relações antagônicas entre si, o que faz com que às vezes dê para encontrar certos apoios e até uma certa cumplicidade com alguns pedaços dele. (GUATTARI, 1986, p. 150)

Desta forma temos outro entendimento a cerca das questões políticas e concluimos que:

A política opera por macrodecisões e escolhas binárias, interesses binarizados; mas o domínio do decidível permanece estreito. E a decisão política mergulha necessariamente num mundo de microdeterminações, atrações e desejos, que ela deve pressentir ou avaliar de um outro modo... Os problemas se apresentam sempre desse jeito. Boa ou má, a política e seus julgamentos são sempre molares, mas é o molecular, com suas apreciações, que a “faz”. (DELEUZE e GUATTARI, 1996,p. 102)

Com esse entendimento, ao analisarmos a produção da escrita acadêmica realizada pelos professores pesquisadores da UFES, podemos afirmar que esta não se restringe ao plano molar, onde é constituída, mas também ao molecular. Esta escrita que se encontra entre linhas, entrecruzada por estas duas dimensões, algumas vezes se torna refém de burocracias, normas que aprisionam e tarefas prescritas e em outros momentos propõe saídas, inventa outras possibilidades de criação.

É difícil falar... Eu como coordenador algumas vezes me vejo quase como um inquisidor colocando colegas contra a parede. Mas em outros momentos to com eles, nossa lutei tanto pra um amigo não desistir do programa... Tem muita coisa boa também, não é esse bicho papão não, nós somos espertos. Agora mesmo estamos criando outra forma de trabalho, estamos escrevendo nossas aulas, como um diário sabe... E até publicamos!(Hércules)

Eu acabei de escrever um novo livro e estou feliz demais, a escrita me deixa forte sabe... Mas para as agências de fomento à pesquisa os meus livros não ajudam muito o programa de pós que faço parte (...) então eu e meu grupo criamos um jeito para escrever bons artigos de forma mais tranquila, quero que ao menos nesse tempo que estão aqui eles também se sintam fortes como eu. (Agamenon)

A partir de um recorte dos programas de pós-graduação brasileiros trazido anteriormente pelos professores pesquisadores, num primeiro olhar, parece-nos que estes se encontram impotentes, cansados de um trabalho exaustivo que os conduz somente a uma escrita acadêmica rígida. No entanto observamos em suas falas que neste cenário também acontecem inversões e

podemos perceber movimentos de escrita que se fazem fugir de modos enrijecidos muitas vezes construídos nestes espaços até então.

E que fique bem claro que o fazer fugir não é renunciar a todas as regras, se posicionar passivamente ou se desligar de suas atividades, ao contrário. Como Deleuze defendemos que a fuga não é passiva e nem é uma fuga da vida:

Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga (...) É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vaziar como se fura um cano.(...) Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma (DELEUZE, 1998, p.62).

Deste modo a palavra fuga se inclina mais para um enfrentamento e desorganização do que, o que poderíamos pensar inicialmente, para uma mudança radical ou abolição de uma situação qualquer. Considerando fugir como “fazer fugir” nos deparamos com uma nova roupagem à palavra fuga que não significa romper bruscamente, nem se trata de fugir para fora de, mas de fazer fugir. Como Kafka apostamos que “o problema não é o da liberdade, mas de uma saída”. (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p.12).

Assim, quando Atlanta e Agamenon nos dizem:

É claro que conhecemos as regras do jogo, nas reuniões do programa isso é bem explícito, mas não fazemos tudo como querem não, temos nossas saídas, aos poucos vão surgindo outras regrinhas internas. (Atlanta)

É complicado, mas eu gosto de estar aqui, gosto de pesquisa, gosto de orientar e de escrever então... Eu amo! É pra isso que a gente “ta” aqui não é? Então a gente cria o nosso jeitinho, nem sei te explicar como, de se manter bem no conceito Capes, favorecer o programa e continuar vivo. (Agamenon)

Corroboram com Deleuze quando este nos indica que “é possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga”. (Deleuze; Parnet, 1998).

Afirmamos isso ao acreditar que alguns modos de escrita constituam um território que denominamos de escrita acadêmica na atualidade. Apostamos que tais escritas não dizem sobre um território mas sim já o são. Assim essas escritas agenciadas por vários corpos e enunciações (um corpo professor

doutor no Brasil, flexibilização, corpo avaliado-avaliador, produtivismo, etc.) se territorializam e podem se desterritorializar (engajar-se em linhas de fuga) em um movimento contínuo (sem antes e depois) propiciando uma reterritorialização através de novos agenciamentos.

Desta forma, retomando a aposta inicial de que escrever é traçar linhas de fuga, entendemos que muitas escritas construídas pelos professores pesquisadores funcionam como armas para criarem vias de acesso a transformações dentro de alguns programas de pós-graduação.

Tendo em vista que uma “arma não surge do céu, e supõe evidentemente produção, deslocamento, dispêndio e resistência” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.66), estes não se colocam somente de forma submissa às regras e prescrições, mas sim com uma atitude ativa que promove outras possibilidades em seu campo de trabalho.

Entende o jogo?

Então o que acontece, o que o professor faz? Não é o padrão mas é o quadro. O professor entra no jogo. E isso eu acho um grande dilema, e eu não sei como resolver isso mesmo porque eu não sei nada mesmo mas fico pensando quais seriam as saídas mas vejo que pra esse quadro o que muito professor faz pra ter uma vida mais tranquila, já achei isso muito perverso mas hoje penso que é saudável, to tendo uma relação um pouco menos moral com essa característica o que não deixa de ser cruel mas veja se você entrar nessa coisa pode ser enlouquecedor. Alguns professores aguentam por ter características pessoais, em geral são aqueles que despontam né, tem vários aí... se eu tirar essas pessoas como referência, em geral é o que a CAPES faz e a gente também sem querer, sem muita postura crítica. Essas pessoas de referência não podem ser referência pra média, então o que algumas pessoas fazem quando não tem essas características pessoais e não querem, muitas vezes por motivos saudáveis, querem ter um convívio familiar legal, escolha de vida né. O que parte dessas pessoas fazem, elas articulam pessoas pra trabalhar pra elas, bem capital né, é a regra né, você quer ganhar dinheiro então coloca pessoas pra trabalhar pra você. As pessoas fazem isso, então o doutorando ajuda a orientar um mestrando, o mestrando e o doutorando vão dar aulas pra você na graduação e vão orientar seus pibics. E você fica gerindo os projetos. Isso é muito comum. Acho que essa característica pode parecer perversa mas não sei... Em alguns profissionais talvez, mas grande parte

faz por sanidade, pra manter a sanidade e outra parte faz porque aprendeu assim, não se questiona e ponto. Essa estratégia protege uma galera do adoecimento, quer dizer parcialmente... Você faz lá, joga esse jogo, os mestrandos piram mas vai lá um dia eles piraram também e em geral os mestrandos que quiserem continuar essa carreira ou vão pras federais fazer a mesma coisa com seus alunos ou com o título na mão vão pras privadas, isso é um acordo de interesses bem definido. É ruim falar isso, eu já fui diferente mas sei lá...(olhos marejados). Essa coisa fantasiosa, idealista, não sei, não sei... A minha avaliação hoje é que estar saudável na pós-graduação às vezes requer estratégias que antigamente não eram dignas de um professor, parcialmente isto ta mudando... Entende o jogo?(Aquiles)

Esta fala reverbera o que tantas outras apontaram nas conversas entrevistas realizadas neste trabalho. Ao ouvirmos os docentes pesquisadores colaboradores desta pesquisa percebemos que os mesmos relatam que estar atualmente na pós-graduação brasileira é fazer parte de um jogo. Mas que jogo seria esse?

Os professores nos indicam algumas pistas:

Porque aqui é assim, é muito trabalho, é se dispor a fazer muitas coisas que não condizem com o que você acredita ou deseja. Sou chamado pra dar parecer a cada revista que meu Deus, tenho que ler artigos chatos pra caramba... A pressão da Capes é grande aí a gente aceita um pouco, finge que não vê algumas coisas, renega outras e vai seguindo porque tem muita coisa boa também...Eu gosto do que faço, a gente produz muita coisa boa nesta universidade, tem professores guerreiros aqui...E eu sou um deles...(risos)(Aquiles)

Mas os departamentos vão te exigindo números, quantidade. E isso já é colocado como coisa normal. E aí quem sobrevive é aquele que entra no jogo, que entra no circuito que te falei, aquele que coloca pessoas pra trabalhar pra ele. Bem, eu ainda tento não colocar muito as pessoas pra trabalhar pra mim, mas eu sou uma carta meio fora do baralho, tenho me sentido assim aqui. É difícil! (Agamenon)

A partir destas pistas ousamos dizer que este jogo é composto por lutas cotidianas, um andar na corda bamba entre capturas e máquina de guerra, onde a máquina de Estado age por captura, se apropria, decompõe, recompõe, transforma o movimento e regula a velocidade enquanto a máquina de guerra

anima uma indisciplina e contraria a formação do Estado. (DELEUZE e GUATTARI, 1996).

Deleuze e Guattari (1996) nos dizem que a máquina de guerra é formada por linhas maleáveis que podem se tornar rígidas. Ela é exterior ao Estado que é constituído por dois polos de captura: o do déspota-imperador-tirano que opera por laços, nós e redes e o do legislador que atua via tratados, pactos e contratos.

A partir desses autores Davina Marques (2009) também nos indica que a máquina de guerra é uma:

Potência, atrelada a um fazer e estar nômade, que se move e abala os modelos propostos de uma máquina estatal. Máquina é uma “construção”, marcada por conexões, fluxos de interesses, de desejos e de necessidades, por agenciamentos que levam a uma espécie de organização, uma composição de linhas de vários tipos: as linhas duras, que amarram e levam a segmentações – das instituições e dos territórios, e as linhas que não se deixam aprisionar – das desterritorializações, as chamadas de linhas de fuga. São estas últimas, com sua multiplicidade e seus devires, com suas linhas-entre, que fazem a máquina de guerra.

Desta forma, mais uma vez afirmamos que somos atravessados ao mesmo tempo por linhas duras e flexíveis e tal segmentaridade aparece como resultado de máquinas abstratas, sendo que não é a mesma máquina que opera no plano molar e no molecular. As linhas de fuga, que tanto nos interessam, funcionam ligadas a máquina de guerra que propiciam as criações, mutações; já o aparelho de Estado pertence às linhas de segmentaridade dura.

Notamos assim que estas máquinas apresentam origens bem diferentes.

Há muitas razões que mostram que a máquina de guerra tem uma outra origem, que ela é um agenciamento distinto do aparelho de Estado. De origem nômade, ela é dirigida contra ele. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.103)

Inversamente, o poder do Estado não se baseia numa máquina de guerra, mas no exercício das máquinas binárias que nos atravessam e da máquina abstrata que nos sobrecodifica: toda uma “polícia”. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 170)

É importante salientar que embora de naturezas diversas máquina de guerra e máquina de Estado coexistem, travam embates e negociações, tudo ao mesmo

tempo. Enquanto a máquina de Estado busca se apropriar dessa máquina de guerra que lhe é estrangeira e fazer dela uma peça de seu aparelho, a máquina de guerra se desloca, inventa novos andamentos, metamorfoseia-se.

Este é o jogo: os segmentos duros ou molares não param de vedar, de obstruir, de barrar as linhas de fuga, enquanto a máquina de guerra não pára de fazê-las escoar "entre" os segmentos duros e numa outra direção. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.103).

E é neste emaranhado que se encontram os docentes pesquisadores dos programas de pós-graduação da UFES bem como suas escritas produzidas nestes espaços. Entendemos que tais produções são formadas por máquinas que barram a autonomia e tentam retirar a potência que lhes são próprias e também por máquinas de produções desejantes.

Percebemos que em meio a angústias que poderiam promover um não escrever ou um escrever quaisquer coisas encontra-se um incessante movimento-fluxo que chamamos de prazer de escrever.

Quando cheguei aqui foi uma boa surpresa, uma alegria mesmo. Criar um grupo de pesquisa é uma novidade, uma experiência estimulante. Se relacionar com os alunos, escrever boas pesquisas, tudo isso é muito bom. Essa história de produtivismo não é de hoje, mas a gente pensa em estratégias e não deixo isso me paralisar não. (risos).(Atlanta)

Eu não escrevo quanto e como gostaria mas escrevo "com gosto". A gente ta aqui pra isso também né? (Adonis)

Assim, neste jogo, embora apropriados pela máquina de Estado, apostamos que os professores pesquisadores destes programas constroem e se constituem como máquinas de guerra e que também ali exista um nomadismo que se apresenta em escritas linhas de fuga, em escritas armas.

Considerações Finais

Neste trabalho afirmamos que a escrita acadêmica produzida nos programas de mestrado e doutorado da UFES é uma escrita entre linhas de

segmentaridade dura referentes ao plano molar e linhas que traçam pequenas modificações e desvios que nos indicam o plano maleável ou molecular.

Expondo “o molar” podemos ficar convencidos de que estamos mergulhados numa fatalidade onde o produtivismo acadêmico engessa toda uma potencia da escrita nestes espaços. No entanto pudemos observar que há uma série de possíveis instaurados nestes programas que afirmam outras formas de funcionamento.

Considerando fugir como “fazer fugir” vimos escritas que se constituem como armas que não são utilizadas para se esquivar da vida mas para cria-la, desloca-la. E isso não requer velocidade, bruscas alterações e movimentos, pois “não se trata mais de arrebentar o telhado, mas de “passar primeiro a cabeça”, não importa onde ainda que no mesmo lugar, intensamente... apenas uma linha de fuga, uma simples saída.”(Kafka, p.12)

Também analisamos que o Estado, o Governo ou o sistema Capes/Qualis tem um pouco de nós, está em nós e em contrapartida nós o atualizamos em nosso cotidiano dentro e fora dos programas de pós-graduação da UFES.

Neste sentido Foucault nos ajuda ao dizer que sistemas de controle existem e permanecem pelo fato de não serem absolutos e não serem meramente opressores. Não basta demonizar o Estado, a Capes, o produtivismo mas sim nos indagarmos sobre nossas posturas, nossas práticas, alianças e composições. Compartilhamos com ele quando afirma que:

O Estado não é um monstro frio, é o correlato de uma certa maneira de governar. E o problema está em saber como se desenvolve essa maneira de governar, qual a sua história, como ela ganha, como ela encolhe, como ela se estende a determinado domínio, como ela inventa, forma, desenvolve novas práticas – é esse o problema, e não fazer do Estado, como no teatro de fantoches, uma espécie de policial que viria reprimir as diferentes personagens da história. (Foucault, 2008).

Assim máquina de estado não opera a captura sem que o capturado coexista, por sua vez a máquina de guerra nada explica, pois, ou bem ela é exterior ao Estado e dirigida contra ele, ou bem ela já lhe pertence, encaixada ou apropriada. Nesta perspectiva acreditamos que fazemos parte desta maquinaria: “Entrar, sair da máquina, estar na máquina, caminhar ao longo

dela, aproximar-se dela, isso ainda faz parte da máquina". (Deleuze e Guattari, 1977, p. 14).

Ao propor analisar este jogo nos colocamos, segundo Guattari, numa atitude ético-analítico-política. Tal atitude nos possibilita articulações, criar estruturas de defesa e ataque, aberturas e contatos..

Eis a importância desta atitude que só se realiza no coletivo:

Elaborar uma compreensão das posições singulares nas quais cada um se encontra, uma compreensão sem paranoia, sem projeção e sem culpabilização.(...) Desenvolver um processo de reflexão e análise, todo um *trabalho de metabolismo de mudança de percepção das situações*, que eventualmente possa até desembocar em alianças. (Guattari, 1986, p. 125).

Assim ao trazermos este jogo entre capturas e máquina de guerra existente nos programas de pós-graduação da UFES, não pretendemos resolver alguma questão, mas sim possibilitar que a problemática esteja sempre se colocando e recolocando fazendo com que estejamos alerta para tudo o que bloqueia os processos de transformação em meio às escritas acadêmicas produzidas nestes espaços.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, março de 2004.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Vídeo disponibilizado pela página <http://www.youtube.com/watch?v=fNUG3G4zkbM&feature=related>

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1996.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

ESCÓCIA, L.; KASTRUP, V.; PASSOS, E. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade.** Porto Alegre: 2009.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982).** Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

ARTIGO III

**Entre gêneros científicos: uma escrita acadêmica itinerante
para além da reprodução**

Entre gêneros científicos: uma escrita acadêmica itinerante para além da reprodução

Myrian Santiago da Silva

Resumo

Este trabalho apresenta questionamentos e considerações sobre modos de se fazer pesquisa e de se produzir conhecimento na atualidade. Sem a intenção de trazer uma história das ciências, busca também tensionar gêneros científicos produzidos nos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Fazendo alusão aos conceitos de ciência nômade e ciência de estado, indicados por Deleuze, discute sobre uma escrita nômade bem como alguns fenômenos fronteirícios que uma ciência exerce sobre a outra.

Palavras-chaves: Gêneros científicos. Ciência nômade. Ciência de estado. Escrita nômade.

Abstract

This paper presents questioning and considerations about ways of making research and producing knowledge nowadays. Without the intention to bring science's history, tries to tension scientific gender produced in Universidade Federal do Espírito Santo's (UFES) post-graduation studies. Making reference to the nomadic science and state science concepts, indicated by Deleuze, discuss about a nomadic writing as well as some border phenomenon that a one type of science exerts to the other.

Keywords: Nomadic science. State science. Nomadic writing.

Palavras iniciais

Me preocupo se nessa história tá rolando produção de conhecimento. Não sei? Eu acho que tudo o que a gente tá falando hoje a gente só vai ter uma capacidade de avaliar melhor daqui uns 10 anos, penso. Numericamente a gente tá produzindo mais, em revistas fora do Brasil, de nome, indexadas, ok mas eu ainda não consigo ver a gente tendo uma cara de produção de conhecimento no sentido restrito do termo. A gente reproduz mas do que produz, eu não vejo muita produção teórica, eu vejo dificuldade, ao menos no meu campo, e eu leio muito hein... Eu não me recordo de teorias brasileiras, eu vejo pouco isso. A gente tem muita influência estrangeira, na minha área principalmente a americana, o que eu acho um problema. A base brasileira de conhecimento ainda é pequena, os autores principais ainda são os estrangeiros. A gente produz pouco conhecimento, a gente não escreve teoria. E isso é reproduzido pela Capes nessa onda de só publicar sei lá o que. O que é uma revista A1? Uma boa revista pra Capes é aquela que recebe um maior número de citações. Essa é a lógica ou seja é quantitativo. O que tem um efeito interessante por um lado porque são critérios e critérios são necessários pra mensurar essa tal pesquisa. Por outro lado tende a ser perverso porque o que mobiliza nossas pesquisas atuais é uma perspectiva positivista que já foi debatida há um tempo atrás na América Latina inteira mas essa crítica forte não resistiu e vem perdendo força de uma forma complicada. E isso tende a valorizar o que é a média... Talvez eu esteja muito dramático mas a tendência é a gente ficar aqui no quantitativo, reproduzindo...(Aquiles)

Este texto é parte da dissertação de mestrado intitulada “O que pode uma escrita? A produção acadêmica hoje”. Tal pesquisa analisou modos contemporâneos de escrita acadêmica no campo da pós-graduação no Brasil, tendo como corte metodológico como professores pesquisadores de programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) estão escrevendo suas pesquisas em artigos que visam ser submetidos às revistas acadêmicas reconhecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Para tanto foram realizadas entrevistas/conversas com nove professores pesquisadores de programas de mestrado e doutorado desta instituição federal de ensino superior. A escolha pelos participantes se deu inicialmente de forma

aleatória tendo como requisitos que o professor fosse atuante em seu programa de origem e desejasse colaborar com a pesquisa. Após a primeira entrevista-conversa os demais participantes foram indicados pelo colaborador anterior. Estes encontros foram filmados e transcritos e para manter a privacidade dos envolvidos os mesmos foram identificados por nomes de heróis da mitologia grega.

A partir do principal objetivo da referida pesquisa e do que foi produzido nos encontros com os professores pesquisadores, este trabalho apresenta questionamentos e considerações sobre modos de se fazer pesquisa e de se produzir conhecimento na atualidade.

Sem a intenção de trazermos uma história das ciências, com a perspectiva de que ciência “se faz a cada instante em função de uma certa norma ; e esta não pode ser identificada a uma estrutura teórica ou a um paradigma atual, porque a própria verdade científica de hoje não passa de um episódio”(Foucault, 2005, p. 361), buscamos também tensionar gêneros científicos produzidos nos programas de pós-graduação da UFES no contemporâneo tendo como aposta que:

A história das ciências não é a história do verdadeiro, de sua lenta epifania; ela não poderia pretender relatar a descoberta progressiva de uma verdade inscrita desde sempre nas coisas e no intelecto, salvo se se pensasse que o saber atual a possui finalmente de maneira tão completa e definitiva que ele pode usá-la como um padrão para mensurar o passado. (...) Ela se relaciona com a história dos “discursos verídicos”, ou seja, com os discursos que se retificam, se corrigem, e que operam em si mesmos todo um trabalho de elaboração finalizado pela tarefa do “dizer verdadeiro”. As ligações históricas, que os diferentes momentos de uma ciência podem ter uns com os outros, têm, necessariamente, essa forma de descontinuidade que constituem os remanejamentos, as reorganizações, a revelação de novos fundamentos, as mudanças de nível, a passagem para um novo tipo de objetos. (Foucault, 2005, p. 359)

Desta forma, sob esta ótica, uma escrita ou um saber para serem considerados científicos devem preencher requisitos que os coloquem “no verdadeiro”, seguir toda uma linha de pesadas exigências, obedecendo às regras de uma “polícia discursiva”. Isto nos remete a uma provocação de Deleuze quando nos diz que:

“Pertencemos à escola de um mestre que só pergunta a partir das respostas inteiramente escritas em seu caderno”. (Foucault, 2005, p. 242)

Isto posto eis que surge uma indagação: Considerando gêneros científicos como episódios construídos que se tecem a partir “do verdadeiro” podemos então dispensá-los ou conjurá-los?

Não é o que pretendemos aqui. A grande questão não é criticar os conteúdos ideológicos da ciência mas a de construir novas possibilidades de políticas da verdade. Assim, ao trazê-los acreditamos na importância de:

Arrancá-los de sua quase evidência, de liberar os problemas que colocam; reconhecer que não são o lugar tranquilo a partir do qual outras questões podem ser levantadas(sobre sua estrutura, sua coerência, sua sistematicidade, suas transformações), mas que colocam por si mesmos todo um feixe de questões. (Foucault, 2008, p. 29).

Seguindo essas condições problemáticas, para elaboração deste artigo utilizamos também como ferramenta teórico-metodológica a ontologia do presente de Michel Foucault e proposições de Deleuze e Guattari, que nos convocam a pensar modos de produção de escritas consideradas científicas a partir de seu exercício, de seu momento e seu lugar, de sua atualidade.

Repetindo, repetindo, repetindo...

Às vezes escrevendo alguns artigos me sinto como aquela música da Maria Rita: repetindo, repetindo, repetindo como num disco riscado... (risos) (Atlanta)

Eu às vezes acho a escrita acadêmica muito feita para acadêmicos, é uma reprodução sem fim...(Atlanta)

Após algumas entrevistas-conversas percebemos que a questão sobre um modo repetitivo de produzir pesquisas e de se escrever sobre as mesmas foi suscitado em todas elas.

Muitos professores a trouxeram em meio à crítica de um modelo atual de produção:

Mas eles vão te exigindo números, quantidades que vão aumentando a cada ano e isso vai virando coisa normal. Aí começa a questão do mercado do conhecimento. Nunca vi tanta procura por apresentação de trabalhos, presenças em congressos, envio de artigos... E o pior cada material! Tenho achado tudo tão igual, uma repetição sem controle e com pouco rigor. Eu frequento esses espaços, leio bastante, nunca vi tanta gente neste “mercado”, numa corrida frenética que sinceramente não sei pra onde vai. Eu acho que a produção de conhecimento também se dá pelo que escrevemos do que estamos estudando, mas não é só por aí. (Aquiles)

Alguns se referiram como desabafos frutos de um cansaço e de uma corrida contra o tempo.

Então eu me viro de meia noite às seis... Brincadeira eu só consigo até uma da manhã. Mas eu escuto meus colegas falando que ficaram até às cinco produzindo. Mas eu perco uns fins de semana. O último artigo que escrevi pra ontem eu passei sexta, sábado e domingo em cima dele. Aí você larga tudo o mais que tem que fazer, até atrasa outros trabalhos pra enviar o bendito. E dependendo da situação nem pensa muito não, o cansaço é tanto que a gente acaba escrevendo o que já sabe, já trabalha há tempos. Fica um pouco batendo sempre na mesma tecla, eu sei...(Atlanta)

E outros docentes ainda sinalizaram a escrita repetitiva como estratégia para se manterem no que eles denominaram de lógica produtivista onde, segundo os mesmos, é necessário obter um aceite que esteja num regime do aceitável.

A gente já sabe o que pode escrever pra essa ou aquela revista. E se você quer que seu artigo seja aceito não dá pra fugir muito daquilo não. Pode parecer perverso mas é isso que ta rolando no meio acadêmico brasileiro. (Agamenon)

Este último aspecto que os professores trouxeram sobre a questão da repetição se aproxima do que Foucault traz a respeito da escrita comentário. Ele diz que “o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro”.

Entendemos aqui que este texto primeiro seria um determinante que visa impor regras para que todas as demais condições do conhecimento se estabeleçam como conhecimento científico. Assim nada pode fugir do mesmo, não são aceitos escapes e sim um dizer o que já tem sido dito. Desta forma:

A repetição indefinida dos comentários é trabalhada no interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação. O comentário conjura o acaso o discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. (Foucault, 1996, p.25-26)

Pois bem, diantedessa discussão podemos afirmar que não há produção de conhecimento via repetição?

Embora muitos professores que participaram desta pesquisa nos digam que sim e nos indiquem este tema somente como uma preocupação, neste trabalho não temos a intenção de dar uma valoração moral à repetição considerando-a como má ou como um aspecto que obstrua quaisquer formas de construção de saber.

Tendo outra perspectiva onde a repetição não se coloca como plágio ou cópia, apostamos que a mesma possa ser uma rica fonte de criação e também estratégia de resistência.

Como o próprio Foucault nos alerta, acreditamos que a partir dela também se possa construir outros discursos. E muitas vezes o novo não está no que foi dito ou escrito mas no acontecimento em sua volta (Foucault, 1996, p.26). E é exatamente isto que queremos evidenciar.

Para além de indicarmos a extinção de uma escrita repetitiva ou denunciarmos um modo atual de produzir pesquisa existente nos programas de pós-graduação da UFES, a partir da análise do tempo presente propomos um permanente questionamento do que vem ocorrendo em meio a este modo, o que somos e estamos reafirmando e o que devemos recusar do que somos.

Entre ciência de Estado e ciência nômade

Eu fico me perguntando de que ciência estamos falando e quais critérios estamos seguindo. Do jeito que as coisas estão a gente, muitas vezes sem perceber, começa a escrever sobre o nada, a escrever sem controle, sem rigor. E ao meu ver isso só enfraquece a formação da Ciência. (Aquiles)

De quais modos de produção de conhecimento estamos falando? Quando os professores nos trazem insistentemente que estamos vivendo um tempo onde muitas pesquisas produzidas em seus programas de pós-graduação reproduzem um mesmo código de saber e uma mesma forma de fazer além de apresentarem uma escrita repetitiva e/ou baseadas em cópias de forma parcial ou total de produções textuais já existentes, essa questão nos incomoda.

Para pensarmos um pouco mais sobre este tema uma boa entrada são as contribuições de Deleuze que se referem a uma ciência regia ou de Estado. Segundo ele:

O ideal de reprodução, dedução ou indução faz parte da ciência regia em todas as épocas, em todos os lugares, e trata as diferenças de tempo e lugar como outras tantas variáveis das quais a lei extrai precisamente a forma constante. Reproduzir implica a permanência de um ponto de vista fixo, exterior ao reproduzido: ver fluir, estando na margem. (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 20).

Neste modo de produção de conhecimento vemos uma investigação em busca de uma verdade apriorística que se desenvolve numa postura de “estar à margem” registrando resultados de processos e representando uma suposta realidade pré-existente.

Reprodução, dedução, permanência de um ponto de vista fixo alternando somente possíveis variáveis, percebemos sim que estes e outros elementos de uma ciência regia fazem parte de nossas escritas acadêmicas no contemporâneo.

No entanto, em meio a esse modelo de ciência, também encontramos na produção dos artigos, dissertações e teses traços de uma ciência itinerante denominada ciência nômade.

Deleuze nos sinaliza que este gênero científico se desenvolve de maneira muito diferente da outra ciência que ele chamou de regia ou de Estado. Segundo ele a ciência nômade busca seguir o pensamento, experimentar o que se passa, questionar verdades universais e principalmente apoiar-se num

modelo problemático onde “o problema não é um obstáculo, é a ultrapassagem do obstáculo”. (DELEUZE e GUATTARI, 1997).

Caminhando nessa mesma perspectiva Kastrup(2009) nos auxilia ao dizer que esta ciência itinerante que não se preocupa em representar uma realidade entende que sujeito e objeto estão numa relação de co-engendramento e que o ato de conhecer implica produção, num mesmo movimento, da subjetividade e da objetividade. Ela ainda afirma que:

Longe de definir um conjunto de regras abstratas e prescritivas para serem aplicadas, não vemos um caminho linear para atingir um fim. Esta investigação possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado. As ferramentas apropriadas para o pesquisar são *ad hoc*, isto é, caso a caso. Uma prática, um conjunto de ações e gestos, etc. que se esboçam imprevisivelmente na gestão do campo de pesquisa, transformam o próprio ato de pesquisar. Não há um método universal e que se possa aplicar, mas um método a ser inventado no ato de pesquisar.(Kastrup, 2009)

Em relação a esse procedimento científico nômade observamos uma dificuldade. Sustentado por seu princípio de acompanhar processos ao invés de tentar descobrir uma forma final, o mesmo pode muitas vezes ser considerado como a-científico, não criterioso, sem parâmetros. Percebemos muitos destes discursos entre os professores colaboradores deste trabalho e também em alguns alunos que se empenham em realizar pesquisas na atualidade.

No entanto afirmamos que é exatamente por apresentar tais características que este procedimento se torna ainda mais forte e se coloca como alvo de uma ciência de Estado que pretende transformar esse caráter problemático e de seguimento em axiomático, com verdades e categorias bem instituídas.

Assim, para além de impor estratégias que visam proibir e barrar a ciência nômade, o Estado tem como objetivo se apropriar da força que esta ciência apresenta submetendo-a a “regras civis e métricas, controlando-a e proibindo-a de desenvolver suas consequências através do campo social”. (DELEUZE, 1997) Ao mesmo tempo esta insiste em escapar e pressionar a ciência de Estado. Entendemos então que:

O Estado não confere um poder aos intelectuais ou aos conceptores; ao contrário, converte-os num órgão estreitamente dependente, cuja autonomia é ilusória, mas suficiente, contudo, para retirar toda potência àqueles que não fazem mais do que reproduzir ou executar. O que não impede que o Estado encontre dificuldades com esse corpo de intelectuais que ele mesmo engendrou, e que, no entanto esgrime novas pretensões nomádicas e políticas. (DELEUZE e GUATTARI, 1996).

Vimos que esta trama entre ciências percorre os programas públicos brasileiros de mestrado e doutorado, de forma particular os da UFES. Ela se encontra no dia a dia de professores e alunos destes espaços.

É importante destacar aqui que não temos a intenção de preterir um modo científico em favor de outro. Ao invés disso afirmamos que não há oposição ou dualismo e que se analisarmos mais de perto perceberemos que não há um modo operando sozinho, há sempre uma interação entre eles. Desta forma:

A ciência maior tem perpetuamente necessidade de uma inspiração que procede da menor; mas a ciência menor não seria nada se não afrontasse às mais altas exigências científicas, e se não passasse por elas. E a ciência menor nunca deixará de enriquecer a maior, comunicando-lhe sua intuição, seu andamento, sua itinerância, seu sentido e seu gosto pela matéria, pela singularidade, pela variação, pela geometria intucionista e pelo número numerante. (DELEUZE, GUATTARI, 1997, pg. 33)

Nessa trama o pesquisador “cientista” fica entre uma ciência de Estado que o normatiza e o engessa e uma ciência nômade que o expande. Estes embates e negociações que não são vividos sem dificuldades esquadriham um modo de produzir conhecimento e propiciam uma escrita que ora busca uma representação das coisas ora caminha itinerante.

Mais do que proporcionar um entendimento de alguns gêneros científicos já expostos neste trabalho, pretendemos apontar um desafio e rigor que se fazem urgentes: o de se exercitar um permanente questionamento e desenvolvimento de um processo de reflexão e análise nos programas de pós-graduação bem como em todo espaço universitário para que possamos “denunciar as coisas, as formas que já não fazem sentido, que produzem efeitos deletérios e anunciar a emergência daquilo que afirma vida”. (Kastrup, 2009).

Palavras Finais

Considerando gêneros científicos como episódios construídos que se tecem a partir “do verdadeiro” não buscamos uma verdade absoluta tampouco relativizar quaisquer modos de produção de conhecimento.

Arriscamos que os efeitos de verdade são construídos através de problematizações e que as problematizações só se criam a partir de práticas.

Quisemos afirmar uma ciência itinerante que apresenta a perspectiva de que conhecer o mundo não é buscar uma verdade apriorística. Uma ciência que acompanhe processos e que rompa com uma “postura de investigar uma suposta verdade inelutável das coisas”. (Kastrup,2009).

Ao trazer as queixas, que são pertinentes, dos professores pesquisadores em relação à repetição dos modos de se produzir pesquisa na atualidade e de se escrever sobre elas, apostamos que muitas vezes o novo não está no que foi dito ou escrito mas no que encontramos em sua volta, no seu caráter de acontecimento.

Evidenciando a trama em que o pesquisador “cientista” fica entre uma ciência de Estado que o normatiza e o engessa e uma ciência nômade que o expande, afirmamos um ethos do pesquisador que se questiona enquanto tal e que se apropria da pesquisa, analisando suas condições, seu jogo e seus efeitos.

Com esta pesquisa podemos dizer que isto só se dá através de uma atenção ao presente, ao que somos e estamos reafirmando em nosso cotidiano.

Referências

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, março de 2004.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Vídeo disponibilizado pela página <http://www.youtube.com/watch?v=fNUG3G4zkbM&feature=related>

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**,

vol. 3. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1996.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia,**

vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

ESCÓCIA, L.; KASTRUP, V.; PASSOS, E. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade.** Porto Alegre: 2009.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982).** Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma revisão de trabalho. In: DREYFUS, H. L; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M. C. C. **As políticas que incidem sobre a vida.** *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 118 – 133, 2010.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NOTAS DO AUTOR

Notas do autor

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
Não direi os suspiros ao anoitecer,
A paisagem vista da janela, não distribuirei entorpecentes
ou cartas de suicida,
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente,
Os homens presentes,
A vida presente.
(Carlos Drummond de Andrade)

Tarefa árdua essa de escrever dissertação! Quantos exercícios e questões ela nos convoca. Logo de início percebemos que descaminhos e indagações se colocam a todo tempo, ampliando o desafio.

Em meio a realização deste trabalho muitas questões reverberaram na composição desta escrita e tomaram força ao ponto de ser necessário expô-las aqui. Experimentamos assim que “as perguntas mobilizam quem pesquisa, remexem todo o campo de saberes e deixam tudo em aberto, num misto de incerteza e promessa”. (COSTA, 2005).

Definitivamente percebemos que não há neutralidade na produção de uma pesquisa. Vivenciamos que essa funciona não só como experiência para quem a lê mas também para quem a escreve.

E o que escrevemos aqui é fruto de muitas posições ético-estético-políticas.

Consideramo-la como posição ética porque podemos defini-la, não como um conjunto de regras tomadas como um valor em si para se chegar a uma suposta verdade, tampouco como um sistema de verdades tomadas como um valor universal... Mas como um rigor com que buscamos escutar as diferenças que se fazem em nós e, com as quais, afirmamos o devir em meio à produção das

pesquisas. É, também, posição estética, pois não se trata de dominar um campo de saber já dado, mas de criar um campo no pensamento que seja a encarnação das diferenças que nos inquietam na duração dessas produções, e que podem fazer do pensamento, da vida e da pesquisa, uma obra de arte. E é, assim posição política, porque se trata de uma luta contra as forças reativas – reacionárias em nós – que obstruem as nascentes do devir e que nos fazem colar, aderir aos modelos já existentes. (Rolnik,1996)

E quantas escolhas são necessárias!

Pra começar, a primeira decisão a ser feita: quais caminhos metodológicos utilizar, qual política da escrita percorrer?

Com a intenção de trazer uma escrita itinerante e com a aposta de um modo de produzir conhecimento que se opõe a um modelo da representação em pesquisa, embora não soubéssemos de imediato como fazê-lo achamos por bem trilhar este caminho.

O primeiro norteador foi o encontro com o texto de Foucault “O que são as luzes?”. Percebemos com ele que nossa “implicância” é com o presente.

O tempo é a minha matéria,
O tempo presente,
Os homens presentes,
A vida presente.

A partir desta implicância fomos nos guiando com a pergunta atitude apresentada por Kastrup(2009): Vamos ver o que está acontecendo?

Atravessados por essa pergunta o dizer a atualidade das escritas existentes nos programas de pós-graduação da UFES foi se colocando como uma necessidade. Percebemos que “o momento em que se vive é muito interessante e exige ser analisado”. (Foucault, 2005, p. 325).

Fomos então para as entrevistas que chamamos de conversa. Nelas experimentamos uma pesquisa que não se separa da intervenção. A cada conversa o “campo” foi se misturando e as noções de um suposto sujeito e objeto de pesquisa foram reinventadas.

Assim a partir destes encontros nos perguntávamos como não colocar em análise as noções de sujeito e objeto, de pesquisador e campo de pesquisa? Como não discorrer sobre essa mistura?

E foi realmente uma mistura. Realizamos reflexões e análises, vivenciamos o cansaço e a corrida contra o tempo alinhando a escrita (algo tão citado pelos docentes), alianças e amizades foram construídas.

Nesse momento da pesquisa também surge uma nova implicância: a de questionar o lugar que ocupamos. Como pesquisadores e supostos intelectuais achamos necessário questionar nossas posturas e o que estamos implicados. Entendendo que estar implicado é:

Ao fim de tudo, admitir que eu sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar: fenômenos, acontecimentos, grupos, idéias, etc. Com o saber científico anulo o saber das mulheres, das crianças e dos loucos – o saber social, cada vez mais reprimido como culpado e inferior. O intelectual (...) com sua linguagem de sábio, com a manipulação ou o consumo ostensivo do discurso instituído e o jogo das interpretações múltiplas, dos “pontos de vista” e “níveis de análise”, esconde-se atrás da cortina das mediações que se interpõem entre a realidade política e ele. O intelectual programa a separação entre teoria e política: é para comer-te melhor, minha filha (...) mas, esquece que é o único que postula tal separação, tal desgarramento. (René Lourau, 1975, pp. 88-89).

Tentando fugir de um modelo de intelectual neutro-positivista as entrevistas conversas foram nos direcionando para a análise de um ethos do professor pesquisador atuante nos programas de pós-graduação da UFES.

Nelas discutimos nossas práticas de saber-poder enquanto produtoras de verdades e a urgência de um exercício de vigilância conosco mesmo e um permanente interrogar-se nesses espaços. Acreditamos que “o que temos que fazer é instaurar ligações laterais, todo um sistema de redes”.

E por fim apostamos que a potência da escrita está na prática que ela é e que:

O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é,

ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso. E por isso que a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática. (Foucault, 2008).